



AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS CONSTRUÍDAS PELOS DISCENTES SOBRE A APRENDIZAGEM DE QUALIDADE NOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UEFS

Taiara de Lima Silva¹- UEFS
André Luis Canuto Duarte Melo²- IFS
Jéssica Fernanda França Silva³- UFS
Ferdinando Santos de Melo⁴- UFS

Grupo de Trabalho - Didática: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente artigo apresenta relatos finais de uma pesquisa desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Pedagogia Universitária (NEPPU), cujo objetivo geral é compreender as Representações Sociais construídas pelos discentes sobre a aprendizagem de qualidade nos cursos de licenciatura da UEFS. As diversas concepções de aprendizagem serão discutidas neste trabalho, a fim de buscar perceber quais destas concepções os estudantes elegem como aquela capaz de possibilitar uma aprendizagem de qualidade, discutindo a partir da concepção dos autores (POZO, PIAGET, VYGOTSKY, WALLON). A investigação pautou-se na abordagem qualitativa, Segundo Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, essa pesquisa enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Sendo que a coleta e produção de dados foram procedidas através de entrevista semiestruturada e contou com a contribuição de 24 estudantes dos cursos das licenciaturas da UEFS que, voluntariamente, aceitaram participar da pesquisa. Para análise de dados coletados e produzidos foi utilizada a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1978; JODELET, 2001) e a análise de conteúdo, baseada nos escritos de Bardin (1977). A cultura da aprendizagem, seja ela percebida pelas RS ou pelas concepções implícitas de aprendizagem, está vivamente percebida nas falas dos estudantes entrevistados. Mesmo que muitas vezes haja contradições no que estes concebem como uma boa prática de

¹Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista da Fapesb. E-mail: tai.limasilva88@gmail.com

²Graduado em Engenharia Elétrica e em Matemática pelo CESMAC, especialista em Docência do Ensino Superior, professor do Instituto Federal de Sergipe e membro do grupo de pesquisa MAVICOM – Matemática Aplicada à Visão Computacional (CNPq / IFS). E-mail: andre.canuto@ifs.edu.br

³Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE). E-mail: nandapedagogia@hotmail.com.

⁴Graduado em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo. E-mail: ferdinandomelo@hotmail.com

aula. A partir da análise dos dados coletados e categorizados, ficaram evidentes que os estudantes representam a aprendizagem de qualidade nos cursos de licenciatura da UEFS como proveniente da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, como também os sujeitos pesquisados percebem a importância que o professor exerce nesta aprendizagem de qualidade.

Palavras-chave: Aprendizagem. Qualidade. Representações Sociais.

Introdução

A discussão sobre qualidade tornou-se nos últimos anos um tema amplamente difundido nos diversos setores da sociedade e em todos os âmbitos da vida. No campo educacional, passamos a assistir à preocupação dos governantes, em relação à qualidade da educação, ser manifestada em suas políticas (LONGO, 2006, p. 2).

A qualidade de acordo com o ISO – International Standardization Organization, situado na Suíça e responsável pelas normas de qualidade, é a adequação ao uso, é a conformidade às exigências. Esta é a definição técnica estabelecida em diversos setores, no mundo inteiro. Nas ciências sociais e humanas, o conceito mais usual é que qualidade significa a perfeição de algo diante da expectativa das pessoas. Nessas áreas, qualidade não existe como elemento mono (perfeição), ela exige a relação de dois elementos (perfeição e expectativa). Demo (2001) entende que qualidade converge com a ideia de bem feito e completo, sobretudo quando o termo se aplica à ação humana: nessa condição, qualidade é o toque humano na quantidade. Em meio a esse contexto de definições surge o interesse de compreender as Representações Sociais construídas pelos discentes sobre a aprendizagem de qualidade nos cursos de licenciatura da UEFS, além de analisar os vários conceitos de qualidade, a partir de um levantamento bibliográfico dos autores que discutem essa temática como Demo (1994), Morosini (2001), Longo (1996), e Saviani (2004), serão levantados também às concepções de aprendizagens e suas transformações no cenário educacional.

O conceito de Representação Social, também, será trabalhado a fim de compreender essas representações criadas pelos estudantes sobre a aprendizagem de qualidade, bem como para analisar os conteúdos obtidos através das entrevistas. Para Moscovici (1961), a TRS centra-se nos fenômenos mais ativos, habituais e fluidos das representações sociais que, muitas vezes, fogem de uma visão habitual do sujeito.

As diversas concepções de aprendizagem serão discutidas neste trabalho, a fim de buscar perceber quais destas concepções os estudantes elegem como aquela capaz de possibilitar uma aprendizagem de qualidade.

Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais (TRS) serviu para realizar as análises dos conteúdos obtidos através das entrevistas. Conforme Moscovici (1961) a TRS centra-se nos fenômenos mais ativos, habituais e fluidos das RS, que, muitas vezes fogem de uma visão habitual do sujeito.

Para Jodelet (2001, p.34), a Representação Social define-se como: “Um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal de conhecimento, um saber de senso comum de caráter eminentemente prático e orientado para a comunicação, a compreensão ou o domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado fato”.

O excerto mostra que essa forma de perceber o conhecimento, possibilita a elucidação dos processos cognitivos e das estruturas sociais do mundo que vivemos. Em síntese, a Representação Social pode ser compreendida como um processo social da dialética (comunicação e discurso). As Representações Sociais são vistas como atributos pessoais, como estruturas de conhecimento individuais, embora compartilhadas. Esse compartilhamento refere-se a crenças, imagens, metáforas e símbolos num grupo, comunidade, sociedade ou cultura (WAGNER, 2000).

Qualidade no ensino superior

Qualidade do ensino superior é um tema discutido desde a década de 90 do século XX até os dias atuais por diversos teóricos, tais como: Demo (1994); Morosini (2001); Saviani (2004), entre outros, sendo o referido tema intrinsecamente ligado à formação docente.

Para Demo (1994), o conceito de qualidade aplica-se mais propriamente à ação humana, ou seja, está ligado às questões ontológicas e não apenas às questões ligadas a bens materiais, como se pode ver a seguir: “Qualidade, por sua vez, aponta para a dimensão da intensidade. Tem a ver com profundidade, perfeição, principalmente com participação e criação. Está mais para o ser do que para o ter” (DEMO, 1994, p.11).

Para Morosini (2001, p.96), a questão da qualidade no Ensino Superior:

É um conceito multidimensional que deve envolver todas as funções e atividades: ensino, programas acadêmicos, pesquisa e fomento da ciência, ambiente acadêmico em geral. Uma auto-avaliação interna e transparente e uma revisão externa com especialistas independentes, se possível com reconhecimento internacional, são vitais para assegurar a qualidade.

Desta maneira, quaisquer atividades que busquem alcançar uma qualidade total de ensino, devem estar atreladas ao ato de avaliar para se medir também, esta qualidade. Relacionado ao ato de avaliar, é necessário que o ensino o veja como um caminho para atingir a qualidade e não somente em medir os conhecimentos. Para Oliveira (2005, p.8), historicamente o termo qualidade tem três sentidos na educação brasileira:

um primeiro condicionado pela oferta limitada de oportunidades de escolarização; um segundo, relacionado à ideia de fluxo, definido como número de estudantes que progridem ou não dentro de determinado sistema de ensino; e, finalmente, a ideia de qualidade associada à aferição de desempenho mediante testes em larga escala (OLIVEIRA, 2005, p.8).

Como se percebe, o conceito de qualidade é bastante complexo e de difícil definição, pois além de sua polissemia, passou por diversas modificações ao longo do tempo, e abarca as estruturas, os processos e os resultados educacionais. Além disso, qualidade, muitas vezes, está diretamente ligada às questões de avaliação. Dourado e Oliveira (2007, p. 203-204) definem qualidade como “[...] um conceito histórico que se altera no tempo e no espaço, ou seja [...], vincula-se às demandas e exigências sociais de um dado processo histórico”.

Tubino (1997) afirma que a qualidade em uma universidade está na integração da graduação com a pós-graduação e a extensão. E que para melhorar a qualidade é necessário um aperfeiçoamento relativo a diversos fatores, tais como, corpos docente e discente, quadro técnico-administrativo, condições técnicas e perspectivas pedagógicas.

Dessa forma, a qualidade numa universidade, isto é, nos processos acadêmicos da graduação, da pós-graduação e extensão, precisa ser entendida como um conjunto de incentivos e projetos somados a um processo permanente de avaliação.

Aprendizagem e suas várias concepções

Nos últimos tempos a discussão sobre a aprendizagem tem se intensificado, porque o que antes era visto como apenas a capacidade do sujeito de mostrar que aprendeu algo, e de reproduzir o que lhe era ensinado pelo professor, hoje é vista como a capacidade do sujeito estar fazendo associações a partir do que ele aprendeu. Como afirma Anastasiou (2005, p.14), para que haja a aprendizagem é necessário o sujeito “aprender agir, exercitar-se, informar-se, tomar para si, apropriar-se, entre outros fatores”.

Para esta autora a aprendizagem, para que seja significativa é necessário que haja uma apropriação do conhecimento por parte do discente, porém é necessário superar a concepção

que somente com o repasse de conteúdo irá garantir uma aprendizagem de qualidade. Para Anastasiou, é muito mais que isso, uma aprendizagem precisa garantir que:

[...] O aluno tem que ativamente refletir, no sentido de dobrar-se de novo e de novo – tantas vezes quanto seja necessário -, para apropriar-se do quadro teórico- prático objetivado pelo professor pela proposta curricular, em relação à realidade visada no processo de ensino (ANASTASIOU; ALVES, 2005, p.16).

Nesse sentido, para a autora a aprendizagem é um processo que exige reflexão tanto por parte do estudante como do professor. Já para Pozo (2002, p. 24), aprender “é a possibilidade de modificar ou modelar as pautas de comportamento diante das mudanças que se produzem no ambiente”.

As propostas educacionais que tentam aproximar a educação dos princípios construtivistas, para obtenção do conhecimento são frutos de pesquisas feitas a partir dos escritos de Piaget (1896-1980) sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humana e, assim, poder direcioná-las. Esses estudos tiveram seus desdobramentos com trabalhos de outros teóricos, a exemplo de Vygotsky (1896-1934) Wallon (1879-1962) no caso particular da aquisição da linguagem escrita, Emília Ferreiro (1936). Nesse contexto, a característica fundamental dessa concepção é o processo que se estabelece entre o estudante, o professor e o conhecimento socialmente construído. Sendo este visto, não como algo cristalizado e absoluto, mas como resultante das representações que o ser humano construiu e constrói com relação ao mundo em que vive. Ao professor, na perspectiva construtivista, cabe criar condições mais favoráveis à aprendizagem do estudante por meio de um processo de elaboração de situações didático-pedagógicas que favoreçam a aprendizagem. Segundo Piaget (1999), o ser humano torna-se um ser social quando consegue expressar suas relações sociais equilibradamente, através das trocas intelectuais, ou seja, quando sua estrutura operatória concreta do pensamento for capaz de seguir uma sequência lógica de seu pensamento, construindo, assim, uma máxima socialização de sua aprendizagem com outros sujeitos.

Outro teórico que discute a teoria da aprendizagem é Vygotsky (1989). Para ele, o desenvolvimento do sujeito surge a partir dos primeiros momentos de vida. Como desdobramento do trabalho desse pensador, surge, então, o sociointeracionismo, que concebe a escola como o lugar onde ocorrem a apropriação e a sistematização do conhecimento socialmente construído, onde a aprendizagem deve estar presente, sendo a sala de aula um laboratório, no qual o processo de discussão ocorre pelas negociações e conflitos que

aparecem diante do novo, ou seja, perante aquilo que não se conhece ou não se domina totalmente e que apresentamos aos estudantes de maneira problematizadora.

Porém, é importante salientar que as aprendizagens não se dão da mesma forma, dependendo tanto do sujeito que aprende quanto do sujeito que ensina, e a metodologia e concepção deste irá influenciar na aprendizagem daquele.

No processo de aprendizagem, a concepção sobre o papel do estudante no processo de ensino-aprendizagem se modificou, pois, se antes ele era visto apenas como tábula rasa (sujeito passivo), devendo apenas anotar toda informação passada pelo professor, atualmente, ele passa a ser sujeito ativo na sua aprendizagem.

A prática relacionada à mera repetição é denominada por Freire (1983) como educação bancária, na qual o aluno é um sujeito passivo e receptáculo. O processo se dá como um “depositar” de conteúdos e informações sem vínculos com a realidade desse sujeito.

Porém, na teoria construtivista, o estudante passa a ser o principal construtor da sua aprendizagem (sujeito ativo). Nesse sentido, segundo Souza (2010, p.4):

ao aluno cabe, nesse quadro, a atitude e o papel de sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, caracterizado como sistema constante de produção de conhecimento em que o aluno deve manifestar-se e ser considerado produtor e produto em permanente ação de melhoria de si mesmo e da realidade em sua totalidade.

A partir do excerto percebe-se que o sujeito ativo é aquele que juntamente com o professor participa da construção da sua aprendizagem, conforme já foi afirmado anteriormente.

Material e Método

A abordagem qualitativa tem sido bastante utilizada nas investigações educacionais, por possibilitar ao pesquisador a compreensão do sujeito como ser social. Conforme Minayo (2007, p.22), a pesquisa qualitativa:

[...] Implica considerar o sujeito de estudo: gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados. Implica também considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório inacabado e em permanente transformação.

Nessa perspectiva, a abordagem qualitativa torna-se o procedimento mais adequado para compreender as representações construídas pelos discentes sobre a aprendizagem de qualidade nos cursos de licenciatura da UEFS. Para Ludke e André (1986), a pesquisa

qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, essa pesquisa enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes.

Para Minayo (2007, p.57), esta se aplica aos estudos da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam.

Utilizar a entrevista como estratégia de coleta e produção de dados tem inúmeros benefícios, Selltitz (1987, p.23) lista alguns: “capacidade para corrigir enganos dos informantes, maior elasticidade na duração, permitir o uso de recursos visuais ou artifícios...” Dentre os explicitados pelo teórico pode-se afirmar que a maior relevância é dada ao fato desta estratégia propiciar “uma cobertura mais profunda do assunto”. Para análise dos dados coletados/produzidos e elaboração das reflexões, foi utilizada a Teoria das Representações sociais (TRS) relata Jodelet (2001, p. 21) “é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Os sujeitos da pesquisa foram 24 estudantes matriculados no último semestre dos cursos das licenciaturas da UEFS, sendo estes: Letras, Matemática, Pedagogia, Física, Educação Física, Geografia, História e Biologia. Os sujeitos participaram de maneira voluntária da entrevista sendo que lhes foi garantido o anonimato, a fim de preservar sua identidade. A fim de manter o anonimato dos estudantes, para identificá-los optamos por usar siglas, na qual a primeira letra representa a inicial do nome do entrevistador, a segunda letra, inicial do entrevistado, e o número a quantidade de entrevista que o entrevistador realizou.

A Análise de Conteúdos do tipo temática (BARDIN, 1977), foi o meio empregado para análise dos dados procedentes das entrevistas, e nos possibilitou compreender de maneira mais aprofundada as representações dos discentes sobre o objeto estudado, essa escolha se deu pelo fato desse tipo de estratégia se constituir num conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Discussão

Qualidade do ensino

A partir das análises ficou evidenciado que o professor desempenha um importante papel na promoção de uma aprendizagem de qualidade, visto que ele muitas vezes é visto pelos estudantes como o responsável em estar transmitindo os conteúdos da melhor maneira que facilite a aprendizagem do discente, como pode ser visto na fala do depoente:

[...] O professor tem que ser um bom detentor do conhecimento, primeiramente. Ele tem que saber o conteúdo que está transmitindo e tem também que saber transmitir esse conteúdo, e sempre levando em consideração todas as concepções do aluno (MF2).

A partir da fala percebe-se que o discente vê a figura do professor como alguém que é um dos principais responsáveis no processo de ensino e, dependendo da sua formação e maneira como esse transmite o conhecimento poderá alcançar a qualidade.

De acordo com Tardif (2014, p. 248):

[...] o conhecimento profissional exige uma parcela de improvisação e adaptação a situações novas e únicas que exigem do profissional reflexão e discernimento para que possa não apenas compreender o problema como também organizar e esclarecer os objetivos almejados e os meios a serem usados para atingi-los.

Na visão de Schön (2000), isso implica em tornar-se um professor reflexivo, isto é, aquele que reflete sobre a sua ação não apenas durante o desenrolar do trabalho, mas também em seguida a seu término (LÜDKE; CRUZ, 2005). Já na fala de outro estudante, o papel do professor no processo de ensino aprendizagem é de facilitador, de mediador, sendo que a maneira como o docente conduz a aula terá efeito na qualidade.

[...] Acho que acima de tudo o professor tem que procurar ser um facilitador para que realmente venha fluir essa aprendizagem, porque não adianta deixar o aluno sozinho correr atrás. Acho que é um pouco complicado, [...] dependendo da disponibilidade e facilidade do professor, ser dinâmico, ser bem didático ao ensinar, aquilo que nós viemos aqui aprender porque muitas vezes os professores não têm..., assim, o interesse de ensinar e para mim se ele não tem interesse de ensinar fica difícil ter uma qualidade (ML8).

A fala desse estudante evidencia a importância do professor na promoção da aprendizagem, e como a sua postura em sala de aula é importante para que esta aconteça de maneira satisfatória. Outro depoente vê a qualidade no ensino proveniente da boa aula do

professor. Segundo ele é fácil perceber quando o professor planejou a atividade proposta, e isso segundo ele é uma evidência de qualidade:

[...] uma aula planejada, uma aula que você perceba que foi planejada [...] você se dedicar àquele produto que você vai oferecer. Isso é uma evidência. Você percebe que realmente tem qualidade, não necessariamente o fato do professor ter alto nível de titulação implica que ele vai oferecer um produto de qualidade, ou seja, aquele conhecimento que ele vai passar para você seja de qualidade, se ele nem se dá ao mero trabalho de se dedicar a isso [...] Você tem um, o mais elaborado material didático, se não tem o profissional apto a trabalhar com aquilo ali, aquilo nada mais é do que um amontoado de poeira. Porque, não tem ninguém que saiba utilizar aquilo para facilitar a aquisição do conhecimento (MF2).

Outro estudante coloca a importância do ensino estar formando sujeitos autônomos, capazes de fazer transformações a partir dos seus conhecimentos adquiridos, como pode ser observado na fala seguinte: *“Eu acho que qualidade no Ensino Superior é justamente a capacidade de formar sujeitos capazes de agir de maneira transformadora”* (MJ17).

Nesta perspectiva, a educação ela tem como finalidade formar cidadãos reflexivos capazes de pensar o mundo de forma crítica, bem como de analisar e se posicionar diante das situações.

O depoente MQ11 coloca que um professor que pesquisa e que tem identidade enquanto profissional facilitará no resultado de um ensino com qualidade: *“[...] Qualidade seria um professor que pesquisa, um professor que sabe o que é ser professor”* (MQ11).

A pesquisa e a extensão como depõe os estudantes MM12 e EC1 também são indicativos de um ensino com qualidade, pois a partir da junção delas além do ensino, muitos estudantes acreditam que haverá maiores possibilidades de um ensino alcançar a qualidade

Uma delas é a pesquisa e extensão, acho que são evidências muito importantes da qualidade em ensino, então, uma instituição que tenha projetos de pesquisa e extensão estruturados, organizados, eu acho que isso é uma prova muito grande de qualidade de ensino [...] porque ensino não é só sala de aula (MM12) .

Outro estudante ainda coloca o seguinte:

Eu acho que pelo caminho da pesquisa, eu acho que é uma evidência boa, que deixa que a pesquisa ela vai favorecer, vai facilitar esse bom andamento do ensino, então um ensino sem pesquisa eu acho que não combina e eu acho que é uma, são duas palavras que estão bem interligadas (EC1).

Pode-se notar que as palavras utilizadas pelos participantes para justificar uma aprendizagem de qualidade estão atreladas à função social da universidade. Segundo Tubino (1997), a função essencial da universidade é a indissociabilidade entre o ensino e a pesquisa, a

extensão e a cultura. E, portanto, para que a mesma exerça o seu papel é preciso que saia de seus muros e chegue à sociedade, através de ações culturais e sociais.

Qualidade da aprendizagem

A maioria dos estudantes entrevistados compreende a aprendizagem de qualidade como proveniente da articulação entre ensino pesquisa e extensão, bem como a partir dos exemplos vivenciados na sala de aula através da postura do professor.

Um dos depoentes afirma que um dos indicadores para que aconteça essa aprendizagem de qualidade é a forma como o estudante estará inserido no meio das publicações acadêmicas, visto que, é nelas que o estudante estará discutindo assuntos e temas dos quais ele está se apropriando ou pesquisando. “[...] Eu acho que a produção desse aluno, a produção acadêmica dele, tanto nas universidades quanto as publicações, eu acho que isso seria um indicador dessa qualidade” (ER3).

Outro discente também faz essa mesma afirmação: “[...] *o estudante demonstra que realmente aprendeu quando consegue fazer essa correlação do que ele aprende em sala de aula com o que vê lá fora, eu acredito que dessa forma, o meu objetivo foi atingido*” (ME15).

Isso fica mais evidente nessa fala, na qual o depoente (MA13) coloca a importância dessa relação e do contato do aluno com essa aprendizagem:

Eu acho que quando você consegue não só assimilar aquilo que foi proposto, mas você trazer pra sua prática cotidiana, pra sua vida. Você avança à medida que você entra em contato com um conhecimento que você aprende, você se tornar tipo que você evoluir, subir os degrauzinhos (MA13).

Outro depoente coloca a importância das aulas de campo para o desenvolvimento de uma aprendizagem de qualidade, uma vez que é a partir dessas aulas que o estudante terá contato com a teoria e prática “[...] Eu acho que aulas de campo para mim mesma são muito boas, muito proveitosas. Quando sai da sala de aula a gente acaba mesclando outras coisas, contribuindo muito mais pra educação” (RCK2).

Na medida em que o aluno consegue fazer a interação entre o conteúdo teórico e prático, isto trará bons resultados na sua formação enquanto profissional.

Outro estudante afirma que a pesquisa também influencia no processo de uma aprendizagem de qualidade, “O compromisso dele de pesquisar também, de sair da sala e não apenas parar naquilo que o professor dá, estudar apenas aquele capítulo da Xerox, mas de ir atrás de coisas novas” (MQ11).

A aula puramente como transmissora de conhecimento não educa como explicita Demo (1996, p.7), “A aula que apenas repassa conhecimento ou a escola que somente se define como socializadora de conhecimento não do ponto de partida e, na prática, atrapalha o aluno, porque o deixa como objeto de ensino e instrução”.

Segundo o mesmo autor, o “conhecimento é apenas um meio”, pois a transmissão de conhecimento é apenas informações socializadas.

Outros autores que discutem sobre essa questão é Abreu e Masetto (1997), segundo eles:

O papel do professor desponta como sendo o de facilitador da aprendizagem de seus alunos. Seu papel não é ensinar, mas ajudar o aluno a aprender; não é transmitir informações; não é fazer brilhantes preleções para divulgar a cultura, mas organizar estratégias para que o aluno conheça a cultura existente e criar cultura (ABREU; MASETTO, 1997, p.11).

Cabe ao professor, portanto, o papel de mediador da aprendizagem, de facilitador desse processo. Já no que se refere à pesquisa, esta promove a autonomia do sujeito e a emancipação da busca do conhecimento e o educador tem o papel de despertar no estudante este interesse.

Segundo Vasconcelos (1993, p.135):

O compromisso do educador é ajudar a que os educandos aprendam a pensar, a refletir, adquiram estruturas mentais e aprendam os conceitos básicos para aquela área do conhecimento, até porque, como sabemos, os conhecimentos se desenvolvem cada dia, sendo impossível a apreensão de todo saber na escola, o que reforça a perspectiva de capacitação em estruturas de pensamento que permitirá a aprendizagem autônoma, a pesquisa.

É necessário que o professor não compreenda o processo de ensino aprendizagem apenas como a transmissão de conteúdos numa sala de aula, e sim, compreenda esses momentos como um dos elementos que poderá levar à esta aprendizagem, mas é necessário que o professor valorize outras práticas, principalmente aquelas ligadas à pesquisa.

Segundo Demo (1996), o estudo pela pesquisa possibilita ao aluno estar relacionando a teoria com a prática: “A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade” (DEMO, 1998, p.8).

Nesse sentido, a pesquisa precisa se constituir como uma atitude cotidiana no ambiente da sala de aula, visto que, ela possibilita ao sujeito aprendente estar em contato com

a teoria e a prática, bem como a pesquisa supõe ambiente de liberdade de expressão, crítica e criatividade.

Considerações finais

A cultura da aprendizagem, seja ela percebida pelas RS ou pelas concepções implícitas de aprendizagem, está vivamente percebida nas falas dos estudantes entrevistados. Mesmo que muitas vezes haja contradições no que estes concebem como uma boa prática de aula. A partir da análise dos dados coletados e categorizados, ficou evidente que os estudantes representam a aprendizagem de qualidade nos cursos de licenciatura da UEFS como proveniente da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, como também os sujeitos pesquisados percebem a importância do professor exercer nesta aprendizagem de qualidade.

De modo geral, consideramos que esta pesquisa realizada com os estudantes da UEFS poderá contribuir para a formação dos futuros professores, pois, pesquisa é um dos caminhos didáticos mais importantes na formação de professores, já que pode propiciar o desenvolvimento de sujeitos autônomos. Além disso, a pesquisa pode ajudar o professor a se tornar mais capaz de refletir sobre sua prática profissional e de buscar formas que o ajudem a aperfeiçoar o seu trabalho docente, de modo a que possa contribuir efetivamente para o processo de aprendizagem de seus discentes. Podemos perceber que a Qualidade no campo da Educação está relacionada à questão de programas, projetos e a avaliação que devem estar sempre em processos de busca pela Qualidade, para que assim as pessoas que serão formadas possam estar provocando mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, além de exercitar sua autonomia no pensar e em produzir novos conhecimentos. No que se refere à aprendizagem, a postura dos sujeitos envolvidos neste processo também se modificou, pois, se antes o estudante era visto como sujeito passivo, cabendo-lhe a função de receber a informação dada pelo professor, hoje, na sociedade do conhecimento e da informação, este passa a ser também responsável pela aquisição da sua aprendizagem e pela produção de novos conhecimentos. Neste cenário, a figura do professor se modifica, pois esse deixa de ser o detentor do saber, e assume a função de facilitador da aprendizagem do estudante. Bem como passa a ser responsável em estar trazendo situações que facilitem e, portanto, promovam esta aprendizagem. Podemos concluir que a pesquisa desempenha papel importante na aprendizagem de qualidade, visto que, irá ajudar ao discente estar ampliando seus conhecimentos e aprofundando discussões importantes no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Celia; MASETTO, Marcos Tarciso. **O professor universitário em aula**. São Paulo: Mg editores associados, 1997.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo; ALVES, Leonir. **Processos de Ensino na Universidade**: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville, SC: Univille, 2005.

BARDIN, L. **L'analyse de contenu**. Paris: Presses Universitaires de la France, 1977.

DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores associados, 1996.

DOURADO, L.F.; OLIVEIRA, J.F.; SANTOS, C.A. **A qualidade da educação**: conceitos e definições. Série Documental: Textos para Discussão, Brasília, DF, v. 24, n. 22, p. 5-34, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

JODELET, D. (2001). **Representações sociais**: um domínio em expansão. In: JODELET D. (Ed.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Eduerj.

JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

LONGO, Rose Mary Juliano. **Gestão da qualidade**: evolução histórica, conceitos básicos e aplicação na educação. Brasília: Ipea, 1996.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação**: Abodagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, M.; CRUZ, G. Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 81-109, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: Hucitec, 2007.

MOROSINI, Marília Costa. Qualidade da educação universitária: isomorfismo, diversidade e equidade. **Revista interface-comunicação, saúde e educação**. V.5, n.9, p. 89-101, Rio Grande do Sul, agosto, 2001. Disponível em: <WWW.scielo.com.br>. Acesso em: 19 maio 2010.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Qualidade do ensino: uma nova dimensão da luta pelo direito à educação. **Revista Bras. Educ.** n.28, p.5-23, abr. 2005. Disponível em: <WWW.scielo.br>. Acesso em: 07 de abr. 2010.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 24ª Ed. 1999.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres: A nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. São Paulo: Autores Associados Ltda., 2004.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMAN, Lawrence S; COOK, Stuart Welldford. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: E.P.U, 1987.

SOUZA, João Batista de. **O papel do aluno na construção do conhecimento na atualidade**. Disponível em: <<http://www.anchietaba.com.br/artigos/BATISTA2.pdf>>, Acesso em: 03 mar. 2011.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 13, p. 5-24, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, PJ: Vozes, 2014.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Universidade, qualidade e avaliação**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Dunya, 1997.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. Goiânia: A.B., 2000. p. 3-25.